

BEOWULF: O HERÓI, OS MONSTROS E A BÍBLIA

João Bittencourt de Oliveira (UERJ)
joão.bittencourt@bol.com.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir um dos poemas anônimos mais complexos em inglês antigo (*Old English*): *Beowulf*. Esse poema sobrevive em um único manuscrito, British Library MS Cotton Vitellius A. XV, embora esta seja uma compilação realizada a partir de dois manuscritos separados. A parte que contém *Beowulf* é datada com fundamentos paleográficos entre os séculos X e início do século XI, e uma datação mais precisa dentro da primeira década do século XII parece mais provável. Esse manuscrito contém cinco obras diferentes em inglês antigo, sendo as três primeiras em prosa traduzidas de originais latinos: *The Passion of St. Christopher* (“A Paixão de São Cristóvão”), *The Wonders of the East* (“As Maravilhas do Oriente”), *Alexander’s Letter to Aristotle* (“Carta de Alexandre a Aristóteles”), *Beowulf* e o fragmento poético *Judith* (personagem bíblica). O manuscrito foi redigido por dois escribas por volta do ano 1000 d. C. em saxão ocidental tardio (o dialeto literário do período). O primeiro escriba copiou os três textos em prosa e os 1939 versos de *Beowulf*. O segundo escriba, que tinha um estilo mais obsoleto, copiou o restante de *Beowulf* e *Judith*.

Palavras-chave:

Beowulf. Literatura Anglo-Saxônica. Paganismo e Cristianismo.

1. Introdução

Na história de Beowulf, podemos identificar vários traços de caráter que definem o herói anglo-saxônico, a saber: lealdade, força física, coragem, bem como sagacidade, cortesia, e, acima de tudo, o comprometimento com a salvação de seu povo. Todos esses traços são evidenciados, principalmente, nas três batalhas que Beowulf tem de enfrentar, ou seja, com Grendel, com a mãe de Grendel e com o dragão. Há duas referências diretas a fatos da Bíblia.

Ao que tudo indica, o manuscrito no qual *Beowulf* sobrevive é uma cópia de uma cópia mais antiga do poema, e não um testamento holográfico do autor. É bem provável que tenham existido diversas cópias anteriores do poema e que originalmente ele poderia ter sido composto séculos antes da compilação desse único manuscrito. No decorrer do século XX, predominou, entre os diversos eruditos, a opinião de que o poema foi muito provavelmente composto entre os anos 650 e 800 da Era Cristã. (MITCHELL; ROBINSON, 1998, p. 8).

No século XVI, o manuscrito foi adquirido por Laurence Nowell, tornando-se conhecido desde então como “Nowell codex”. Mais tarde tornou-se parte de uma vasta coleção de manuscritos antigos adquirida por Sir Robert Cotton (1571-1631); e em seguida, no ano de 1731, um incêndio destruiu parte da coleção, deixando o manuscrito bastante danificado. (KLAEBER, 2008: xxv-xxxv; JACK, 1994, p. 1-4).

Coube ao erudito islandês Grímur Jónsson Thorkelin (1752–1829) realizar a primeira transcrição do manuscrito em 1786 e publicar seus resultados em 1815, com apoio do Governo Dinamarquês.

O poema se divide em sessões numeradas que os Anglo-Saxões denominavam *fitts* (“poemas, canções”), com 3182 versos aliterados. Após os primeiros 52 versos, que podem ser considerados como prólogo, inicia-se a divisão em *fitts*. O começo de um *fitt* é normalmente marcado por uma letra maiúscula e um proeminente numeral romano indicando o número do *fitt*. O poema possui 43 *fitts*. Os poetas anglo-saxônicos não costumavam atribuir títulos a seus poemas, cabendo aos editores modernos essa tarefa. Os leitores devem sempre se lembrar de que o título *Beowulf* não possui nenhuma sustentação qualquer que seja, e poderíamos de modo semelhante atribuir-lhe os títulos *Deeds of the Germanic Heroes* (“Os Feitos dos Heróis Germânicos”) ou *Men and Monsters of Ancient North* (“Homens e Monstros do Norte Antigo”). O já consagrado título *Beowulf* é suficientemente razoável para finalidades práticas, uma vez que o poema focaliza a vida e os feitos do herói, e seria despropositado cada editor do poema criar um novo título para ele. (MITCHELL; ROBINSON, 1998, p. 3-7).

Pesquisadores vêm há décadas debatendo as origens do caráter do herói Beowulf. Alguns acreditam que ele tenha existido na tradição heroica e lendária antes da compsição do poema, enquanto outros opinam que o poeta tenha criado seu protagonista geta.

2. O Herói e suas proezas

Segundo Pooley (1968, p. 25), a crença num herói sempre foi um tema social epolítico importante entre os povos germânicos, fossem eles cristãos ou não cristãos. Ofato de que um herói assim pudesse ser comparado à figura de Cristo, sem dúvida, atraíaa anuência de muitos clérigos com relação às lendas heroicas. Com grandeprobabilidade, quem primeiro vazou a lenda épica de Beowulf nos melhores preceitosde arte e a transcreveu numa língua denominada inglês-saxônico foi um clérigo cristão

que se não era nórdico de nacionalidade o era pelo menos em afinidade e interesses. Esse autor desconhecido, que viveu provavelmente na primeira metade do século VIII, é identificado simplesmente como o “Poeta de Beowulf”. No tempo dos Anglo-Saxões, os atos de heroísmo eram aqueles que imprimiam certa fascinação pela demonstração de bravura, lealdade, reputação, generosidade e hospitalidade. A qualidade de um rei era determinada pela qualidade de sua lealdade. Um bom rei possuía seus cavaleiros ou guerreiros que lhe prestavam juramentos de lealdade. Na história de Beowulf, podemos identificar vários traços de caráter que definem o herói anglo-saxônico, a saber: lealdade, força física, coragem, bem como sagacidade, cortesia, e, acima de tudo, o comprometimento com a salvação de seu povo. Todos esses traços são evidenciados, principalmente, nas três batalhas que Beowulf tem de enfrentar, ou seja, com Grendel, com a mãe de Grendel e com o dragão. O tema do poema é, sobretudo, a lealdade. Foram a lealdade e a honra de Beowulf que salvaram a nação e o povo de Hrothgar. Beowulf se destaca dos demais homens pela sua extraordinária lealdade que devota a seu rei. Sempre que solicitado, ele corre ao auxílio de Hrothgar, subjugando Grendel, sua mãe, e por fim o dragão. Tudo isso ele faz por livre vontade; ele não demonstra nenhum desejo de conquistar o trono.

Beowulf enfatiza a importância da lealdade, como se percebe na sujeição a seu rei Hygelac, a seu anfitrião Hrothgar, a seus próprios homens, como Wiglaf, e a seus cidadãos getas. Aprendemos sobre seu caráter pelos discursos que ele faz ao guarda e a Wulfgar, ecônomo real de Hrothgar, que pede novamente aos Getas para se identificarem. Ele só é identificado nominalmente no verso 343: *Beowulf is min nama* [“Beowulf é meu nome”]. Os conflitos espirituais de Beowulf – ora em agir altruisticamente para o bem dos outros, ora para acumular recompensas e fama pessoal – são também uma chave para sua personalidade. No mesmo sentido, ele jamais tem certeza se seu sucesso como guerreiro é devido à sua própria força ou à ajuda de Deus. O conflito entre o material e o espiritual está bem patente nos versos de seu último discurso:

‘Ic ðára fraetwa fréan ealles ðanc
wuldurcyninge wordum secge
écum dryhtne þé ic hér on starie (vv. 2794-2796)

[Ao Senhor, eterno Rei da Glória, pelos tesouros que vejo diante de mim,
graças verto em palavras.]

Tolkien (1936), por outro lado, argumenta que o motivo estrutural central de *Beowulf* é o equilíbrio entre os começos e os fins, da juventude

e da velhice, sendo o exemplo mais dominante a própria vida de Beowulf. Quando ele chega ao reino de Hrothgar, o herói da epopeia ainda é bastante jovem. Ele está em busca de um nome para si mesmo. Reputação é o tema-chave do poema e de importância central a Beowulf. Quando o guarda costeiro se aproxima dos Getas pela primeira vez, ele indaga sobre a linhagem de Beowulf (v. 251). Beowulf então menciona os feitos e a reputação tanto de seu pai quanto de seu rei, Hygelac, e de seu povo, os Getas. Ao rei Hrothgar (v. 418 e seguintes), ele adequadamente revela mais: havia matado uma tribo de gigantes e expulsado os inimigos de sua terra natal.

Essas qualidades contribuíram para torná-lo mais tarde um rei reverenciado, embora também tenham contribuído para seu fim trágico. Beowulf subjugou a criatura hedionda Grendel para ajudar os Daneses; essa atitude mostra que Beowulf era dotado de uma coragem e uma força ilimitadas, que o colocavam acima dos outros homens. Beowulf é intrépido, e sua coragem jamais é questionada. Sem nenhuma certeza do que encontrará pela frente, ele mergulha no lago pronto para a batalha, levando quase um dia para discernir o fundo: *ða wæs hwil dæges / ær he þone grundwong ongytanmehte* (vv. 1495-6).

O destino era, também, um fator importante na vida das culturas pagãs de todas as épocas. Isso é bem documentado em *Beowulf*, em que um guerreiro pagão vence porque é seu destino que assim determina, e não por sua autodeterminação. Veja-se, por exemplo, a seguinte passagem: *wolde dom godês dædum / rædan gumena gehwylcum, swa he nu gen deð* (vv. 2858-9) [“O que Deus julgou correto; assim será feito com o destino dos homens.”]. Este é apenas um dentre vários exemplos que demonstram o papel do destino na morte na visão das sociedades pagãs.

É praticamente unânime entre os estudiosos a opinião de que o poema *Beowulf* foi composto com base em crenças pagãs (STAVER, 2005, p. 149-61). A história, entretanto, deve ter sido veiculada no início oralmente e, mais tarde, compilada por um monge que poderia ter incorporado algumas crenças cristãs, já que o Cristianismo estava inabalavelmente ganhando terreno. O autor procura reconciliar vários conceitos pagãos com elementos do Cristianismo e escreve, talvez, com o propósito de suprir umaligação entre o Cristianismo da Inglaterra do século VIII e seus ancestrais pagãos.

As crenças nas forças invisíveis da natureza não se dissiparam durante a noite – na verdade, os aspectos de tais crenças continuaram nas áreas rurais até as épocas modernas – mas o que havia mudado foi o modo

de como esses seres eram concebidos (GRIGSBY, 2005, p. 101). Ao longo do poema, o autor mescla para o leitor o mundo místico carregado de guerra dos Anglo-Saxões, onde um grande herói luta por seu povo contra vários inimigos terríveis. Beowulf chega a ser retratado como possuidor de poderes super-humanos.

Beowulf começa com a história dos reis daneses (os atuais dinamarqueses), ou mais precisamente, com Scyld Scefing²⁸ (cujo funeral é descrito no prólogo), bisavô do Rei Hrothgar. Seu corpo é transportado a bordo de um navio, empilhado com armas e tesouros. O navio desaparece no oceano infinito, e ninguém sabe o que aconteceu com ele (vv. 1-52). Hrothgar é muito querido pelo seu povo e bem sucedido nas guerras. Manda construir um exuberante saguão, chamado Heorot, para abrigar seu numeroso exército e quando o saguão é concluído os soldados daneses se reúnem sob seu teto para celebrar vitórias e receber recompensas diretamente das mãos do rei (vv. 53-98).

Beowulf, príncipe dos Getas, ouve falar dos problemas de Hrothgar, reúne quatorze dentre os mais valentes guerreiros getas e parte de sua terra natal ao sul da Suécia (vv. 194-319). Os Getas são cumprimentados pelos membros da corte de Hrothgar, e Beowulf relata orgulhoso ao rei seus feitos passados como guerreiro, particularmente seu sucesso na luta contra monstros marinhos. Hrothgar saúda a chegada dos Getas, esperando que Beowulf se comporte de acordo com sua reputação (vv. 320-498). Durante o banquete que se segue à chegada de Beowulf, Uferth, um soldado danês, insulta Beowulf, colocando em dúvida seus feitos do passado, e este, por sua vez, acusa Unferth de haver matado irmãos (vv. 499-606). Então, a rainha Wealhtheow enche a taça de Beowulf com hidromel, e ele anuncia sua determinação de vencer ou morrer. Antes de se retirarem para dormir, Hrothgar promete a Beowulf valiosos tesouros se ele lograr sucesso contra o monstro (vv. 607-61). Terminada a longa

²⁸**Scyld Scefing:** As origens misteriosas de Scyld, que parece ter chegado providencialmente de lugar algum e retornado ao mar após a morte, tem ocasionado muita especulação crítica. Scyld em *Beowulf*, como se observa, leva o segundo nome *Scefing* – um nome que pode ser interpretado como “portador de um feixe” (como de trigo, por exemplo, associado à ideia de prosperidade agrícola). Por outro lado, o sufixo “-ing”, tanto no inglês-saxônico quanto nas antigas línguas germânicas, pode também prestar a função semelhante à do elemento “*mac*” ou “*mab*” nas línguas célticas, freqüentemente prefixadas a nomes próprios masculinos para indicar patronímicos, significando, pois, “filho de”, como, por exemplo, MacDougall, literalmente: “filho de Dougall” (GRIGSBY, 2005, p. 65; MITCHELL; ROBINSON, 1998, p. 45, nota 4).

conversa entre o rei e Beowulf, todos vão dormir. Beowulf e seus companheiros, mesmo com o oferecimento do rei de alojá-los devidamente em quartos, ficam na sala do trono, em estado de vigília. Como veremos, três batalhas sucessivas e sangrentas contra seres sobrenaturais marcam a trajetória arquetípica do herói mítico.

3. Os monstros

Desde os tempos imemoráveis, os poemas épicos tendem a delinear um herói que deve vencer vários monstros para alcançar sua glória final. O personagem que dá título ao poema corporifica os traços preconizados para o herói anglo-saxônico, pois para alcançar seu objetivo, Beowulf tem de enfrentar três monstros: Grendel, a mãe de Grendel e o dragão. Esses monstros representam os párias da sociedade, seus seguidores e as pessoas que vivem afastadas da civilização e que não possuem nenhum valor.

3.1. *Grende*²⁹

Grendel é o primeiro e mais importante adversário que Beowulf tem de enfrentar. Habitante das charnecas e dos pântanos onde vegetam outros monstros. Descrito ao longo do poema como uma criatura hedionda e não humana: *Wæs se grimma gæst Grendel haten* (v. 102) [“Grendel era o nome desse tenebroso demônio”]; mesmo assim, pode, em algumas situações, demonstrar emoções e motivações humanas. Como veremos mais adiante, o poema faz uma ligação de Grendel com o personagem bíblico Caim e o estigmatiza como um ser estranho, condenado a viver distante da comunidade humana num lugar horrível.

Grendel surge exatamente na noite da chegada dos Getas a Heorot. Vencer Grendel sem armas era uma demonstração inequívoca de imponente bravura, como se percebe nos seguintes versos:

wig ofer wæpen, ond siþðan witig god
on swa hwæþere hond, halig dryhten,
mærdō deme, swa him gemet þince. (vv. 685-87)

²⁹De etimologia obscura, o nome *Grendel* tem sido interpretado como derivado de *grindan* (“triturar”); ou estar associado ao antigo norueguês *grindill* (“tempestade”) e talvez ao inglês médio *gryndel* (“irado”); ou ainda derivado de *grund* (“fundo, chão”); cf. islandês *grandi* (“banco de areia”) e o baixo-alemão dialetal *grand* (“areia grossa, saibro”). Para detalhes sobre as diversas etimologias propostas para Grendel, veja-se Klaeber (2008, p. 467-8). Na tradição judaica, o dragão simbolizava o poder do mal, hostil a Deus.

[Sem armas combateremos, se não temer ele enfrentar-me desarmado. Que seja da escolha do Divino Senhor Deus a glória da vitória.]

Beowulf, fiel à sua palavra, bate-se em duelo com o monstro desarmado. Ele arranca violentamente um dos braços do monstro na altura do ombro; porém, Grendel consegue escapar, lançando os mais terríveis gritos, deixando atrás de si um rastro de sangue, morrendo somente ao chegar nas profundezas do lago infestado de serpentes (vv. 662-833). Os guerreiros daneses, que dominados pelo terror haviam deixado o saguão, retornam, então, acompanhados pelo bardo da corte, cantando canções em louvor ao triunfo de Beowulf. O próprio Hrothgar aparece no saguão, parabeniza Beowulf pela vitória e o recompensa com valiosos presentes (vv. 834-1061). Em homenagem a Beowulf são dramatizadas as histórias de Siegmund, Hermod e Finn.³⁰ O bardo compara Beowulf com o herói Siegmund (vv. 1062-1159). O bardo também narra, em versos cantados, a guerra entre os Daneses e os Frísios, que foi causada após o casamento de Hildeburh, a irmã do rei Hnæf da Dinamarca, com Finn, o rei dos Frísios. A rainha adianta-se e, após voltar-se para Hrothgar juntamente com seu sobrinho e colega Hrothwulf, agradece a Beowulf e o presenteia com um precioso colar (vv.1160-1231). Hrothgar e Beowulf então se recolhem, mas alguns cavaleiros decidem dormir ali mesmo no saguão.

3.2. A mãe de Grendel

Essa mulher-monstro é identificada no poema simplesmente como *Grendles modor* (v. 1282) “a mãe de Grendel” e caracterizada como tão feroz e perigosa quanto o filho. Enraivecida com a morte deste, a feiticeira ataca de maneira inesperada e foge, matando o conselheiro de Hrothgar, Aeschere. Porém, quando Beowulf sai em seu encalço, ela o enfrenta destemidamente, arrastando-o para seu covil e atacando-o perversamente. Semelhantemente a Grendel, a mãe é imbuída de fortes desejos de vingança. Ficamos sabendo que ela é a mãe de Grendel, embora Hrothgar não faça menção ao pai, e a narrativa revela que ambos eram rebentos de Caim, daí sernatural chamá-la de “mãe”. Conforme se pode observar, não há no poema uma descrição precisa da aparência física da mãe de Grendel. Nas poucas passagens em que ela é mencionada, o poeta a descreve de maneira ambígua, utilizando construções metafóricas, recurso que é também

³⁰**Siegmund**: herói lendário germânico (cf. Sigmundr das Eddas e sagas nórdicas, e o Siegmund no *Das Nibelungenlied*).

preservado nas inúmeras traduções, sobretudo para o inglês moderno. Assim, por exemplo, *atolan clommum* (v. 1502) que sugere “um espantoso ato de agarrar”, a locução se torna, conforme o ponto-de-vista de cada tradutor: *horrible claws* (“garras horrendas”) ou *horrible hooks* (“ganchos terríveis”). Essa transmutação do ato heróico de agarrar em “garras” e “ganchos” reenfatiza a marginalização das ações “não-femininas” da mãe de Grendel pelo tradutor. Do mesmo modo, *lapan fingrum* (v. 1505) literalmente *hostile/hateful fingers* (“dedos hostis ou abomináveis”) se torna *claws* e *piercing talons* (“garras” e “presas perfurantes”), *grimmian grapum* (v. 1542), *fiercegrasp*, (“ato feroz de agarrar”) se transforma em *grim claws* (“presas horrendas”) e *sharp claws* (“presas afiadas”) (ALFANO, 1992, p. 3).

Desconhecida dos guerreiros, entretanto, a mãe de Grendel (jamais nominada no poema) está tramando vingança. Certa noite, ela chega ao saguão quando todos os guerreiros estão dormindo e mata Aeschere, o principal conselheiro de Hrothgar (vv. 1232-309). Além disso, pega o braço que Beowulf havia arrancado do filho e o leva. A criatura imediatamente retorna para seu esconderijo, levando também a carcaça do conselheiro consigo. Beowulf é convocado e o rei, assoberbado pelo temor, conta-lhe o que acontecera e descreve o lugar onde se supunha ser o esconderijo dos monstros. Beowulf, mostrando-se à altura da situação, se oferece para mergulhar nas profundezas do lago, encontrar o esconderijo da mulher-monstro e destruí-la. Ele e seus fiéis companheiros seguem as pistas até o penhasco que se eleva acima do lago onde se esconde a mãe de Grendel. Percebem a cabeça sangrenta de Aeschere boiando na superfície do lago. Enquanto se preparam para a batalha, Beowulf pede a Hrothgar para proteger seus guerreiros, e para enviar seus tesouros a seu tio, o Rei Hygelac, caso ele não retorne a salvo (vv. 1310-96).

Durante a batalha seguinte a mãe de Grendel leva Beowulf para seu abrigo no fundo do lago sinistro. Após uma luta terrível, Beowulf logra aniquilar o monstro com uma espada mágica que encontra na parede de seu esconderijo. Ele também encontra o cadáver de Grendel, decepando a cabeça, e retorna a terra, onde os guerreiros getas e daneses o aguardam esperançosamente. Beowulf, assim, acaba de expurgar a Dinamarca da raça de monstros malignos (vv. 1397-631).

Os guerreiros retornam à corte de Hrothgar, trazendo orgulhosamente a cabeça de Grendel como troféu. O rei elogia as proezas de Beowulf e em seguida profere um sermão moralizante sobre os perigos do orgulho e a natureza fugaz da fama e do poder (vv. 1632-784). Daneses e

Getas preparam um banquete para celebrar a morte dos monstros. No dia seguinte, Beowulf e os Getas se despedem de Hrothgar. Todos partem afetuosamente, e o rei recompensa o guerreiro geta com mais presentes; eles se abraçam, com emoção, como pai e filho (vv. 1785-924). O retorno de Beowulf ao navio e sua viagem de regresso requerem somente 40 versos.

Beowulf saúda Hygelac e em seguida faz um relato de suas aventuras. Parte de seu discurso, entretanto, está associada a um tema que, com exceção a uma referência acidental nos versos 82-85, não fora mencionado antes. Em seguida, Beowulf entrega a Hygelac e Hygd os presentes que Hrothgar e Wealhtheow lhe haviam dado, e Hygelac, por sua vez, o recompensa com uma espada e uma grande participação no reino (vv. 1963-2199).

O encontro entre Hygelac e Beowulf marca o fim da primeira parte do poema. Na passagem de uma cena para a outra, nota-se um acentuado contraste simbólico entre o céu e o inferno (STAVÉR, 2005, p. 121). Passam-se os anos. Hygelac é morto em combate, e seu filho Heardred herda o trono, com apoio de Beowulf, mas é também abatido. Beowulf então se torna o rei dos Getas e governa gloriosamente por cinquenta anos (vv. 2200-10). Na sua velhice, a terra dos Getas é assolada e seu próprio palácio destruído por um dragão cuspidor de fogo que guardava, por trezentos anos, um tesouro pertencente a uma tribo já extinta. Esse dragão fica enfurecido aos perceber que um escravo fugitivo havia lhe roubado um jarro. Beowulf, grandemente enraivecido, decide atacá-lo (vv. 2211-344). Nesse ponto inicia-se uma digressão referente às proezas passadas de Beowulf, em cujo curso ficamos sabendo que ele havia escapado a nado quando Hygelac perdeu a vida na terra dos Frísios. Ao retornar, Hygd oferece-lhe o trono, mas ele o recusa em favor do jovem Heardred. Este, entretanto, é logo abatido pelo rei sueco Onela, porque ele havia consentido asilo aos seus sobrinhos, Eanmund e Eadgils, filhos de Ohthere. A vingança foi obtida por Beowulf mais tarde, quando ele apoiou Eadgils numa campanha que resultou na morte do rei (vv. 2345-96).

3.3. O dragão

O dragão é uma criatura fabulosa, em geral com caudas de serpente, garras e asas. Figura recorrente no imaginário de muitas culturas, o dragão é frequentemente associado a cavernas ou ambientes aquáticos e à proteção de coisas valiosas e, naturalmente, possui poderes mágicos e sobrenaturais. No poema, é uma antiga criatura, de cinquenta pés de comprimento, que fixa sua moradia em um covil ainda mais antigo, onde guarda um

tesouro achado cujo dono é ignorado. Ele fica enfurecido quando um fugitivo lhe furta um vaso de ouro. Seus ataques de surpresa pelas regiões de Geatland resultam na batalha com Beowulf, a última do rei (vv. 2538-711).³¹

Sempre conhecedor de armas e táticas de combate, Beowulf se prepara mandando fazer um novo escudo de ferro. Acompanhado de onze de seus mais fiéis servos, homens que já haviam aceitado de bom grado as dádivas de um rei generoso, Beowulf parte ao encontro do dragão. Reflete sobre a história passada de sua família. Haethcyn, rei dos Getas, havia matado acidentalmente seu irmão Herebeald, e o pai deles, Hrethel, morreu de desgosto como consequência. Após sua morte, seguiu-se a guerra com os Suiões, em que primeiramente Haethcyn e depois o rei suião Ongentheow³², (pai de Ohthere e Onela) foram abatidos. Quando Hygelac, o terceiro irmão, pereceu entre os Frísios, Daeghrefn, um guerreiro dos Hugas (tribo dos Francos), foi massacrado até a morte pelo próprio herói (vv. 2397-509).

Beowulf, então, vai até o covil do dragão, declarando solenemente, destruí-lo sem ajuda. Ele agora já é uma pessoa idosa e, portanto, sua força não é mais a mesma da juventude. Ele ordena a seus homens que esperem do lado de fora enquanto ele penetra no covil sozinho. Ele é atacado pelo dragão, e durante a luta sua espada não consegue penetrar na fera. Wiglaf, um de seus companheiros, vem em seu socorro; mas os demais, apesar de suas exortações, fogem pelas florestas. Enquanto o dragão avança novamente, Beowulf o golpeia na cabeça, mas sua espada se parte, e o dragão o agarra pelo pescoço. Wiglaf, entretanto, consegue ferir o dragão, e Beowulf, durante um momento de tregua, termina a tarefa com sua faca (vv. 2510-710). Mas o herói está mortalmente ferido. Atendendo a seu

³¹Apocalipse (12: 3-4) apresenta o dragão, que está perseguindo uma mulher. Essa mulher está adornada com o sol, a lua e uma coroa de 12 estrelas e está grávida. Ela representa o povo de Deus. O dragão quer matar o filho da mulher. Quando o filho nasce, ele é levado ao Céu, para receber todo poder. O filho representa Jesus.

³²**Ongentheow**: nome de um semilendário rei suião da dinastia dos Scyflings (íngles antigo: *Ongenþeow*, *Ongenþio*, *Ongendþeow*; Sueco: *Angantyr*), morto por Eofor (vv. 2484-9). Costuma ser identificado como o rei suião Egill, que aparece no poema escaldico *Ynglingatal*, atribuído ao poeta norueguês do século IX Þjóðólfr af Hvini; na *Historia Norvegiae* (uma curta história da Noruega em Latim escrita por um monge anônimo, cujo manuscrito é datado do século XV); e ainda na *Ynglinga saga*, saga lendária originalmente escrita pelo poeta islandês Snorri Sturluson por volta de 1225. Esta saga narra a parte mais antiga da história da dinastia dos Ynglings (os mesmos *Scyflings* em *Beowulf*).

pedido, Wiglaf traz o tesouro para fora do covil. Beowulf o orienta quanto aos procedimentos para seu funeral, presenteando-o com seu escudo e colar e em seguida expira (vv. 2711-842). Os cavaleiros covardes agora retornam e são severamente repreendidos por Wiglaf (vv. 2843-91). Um mensageiro se encarrega de levar a mensagem aos guerreiros que aguardavam na retaguarda. Ele passa a profetizar que, já que seu cavaleiro heróico sucumbiu, os Getas devem esperar hostilidade vinda de todos os lados. Com os Francos não havia paz desde a malfadada expedição de Hygelac contra os Frísios, enquanto os Suiões não conseguem esquecer a catástrofe de Ongentheow, que agora é descrita por completo. Os guerreiros se aproximam do túmulo e inspecionam o tesouro que foi encontrado (vv. 2892–3075). Wiglaf repete as instruções de Beowulf, o dragão é atirado ao mar e o corpo do rei incinerado numa pira. Então, constrói-se um grande túmulo sobre os restos da pira, e todo o tesouro tirado do covil do dragão é colocado junto. Uma mulher anônima canta uma elegia fúnebre, expressando temor pelo futuro dos Getas, agora sem a proteção do destemido herói. Doze guerreiros – todos, filhos de nobres cavaleiros – cavalgam ao redor do túmulo, lamentando a morte de seu senhor e exaltando seus feitos e virtudes.

4. *Elementos Cristãos e Pagãos*

Poucos aspectos em *Beowulf* têm atraído maior atenção na literária crítica do que a questão de seu conteúdo religioso. Tentativas persistentes na crítica inicial para verificar aquelas partes do texto que dizem respeito a um suposto poema original pagão estão geralmente desacreditadas na atualidade.

4.1. *Paganismo*

Beowulf narra uma história de um herói secular em tempos pré-cristãos, mas o poema é inequivocamente disposto em termos familiares a uma platéia cristã. Estudiosos do passado procuraram entender o poema como fundamentalmente pagão em caráter moral e mensagem, ao passo que a partir do século XX tem havido uma tentativa vigorosa em interpretá-lo como uma obra teológica engenhosamente dissimulada. Mais recentemente, os eruditos têm tentado, por diversos modos, descrever uma complexa fusão ou um equilíbrio de duas tradições, com os valores respeitáveis

de uma sociedade heróica mais antiga situada num contexto familiar crístico, criando uma impossibilidade lógica, mas um poema notável.

Beowulf é frequentemente de maneira correta proclamado como uma obra-prima extraordinariamente densa e complexa, um poema melancólico e meditativo que contempla as glórias de um passado heroico pagão de uma perspectiva profundamente cristã e ainda parece encontrar muita coisa para apreciar num mundo que está simplesmente condenado no registro escrito sobrevivente. Não obstante, o poeta é cuidadoso em se distanciar do mundo que retrata, começando com uma evocação agourenta de um mundo perdido, começando com as glórias dos guerreiros daneses:

HWÆT, WE GAR-DENA in geardagum,
þeodcyninga þrym gefrunon,
hu ða æþelingas ellen fremedon!
oft Scyld Scefing sceapena þreatum,
monegum mægþum meodosetla ofteah,
egsode eorlas, syððanærest wearð
feascraft funden; he þæs frofre gebad,
weox under wolcnum weorðmyndum þah,
oð þæt him æghwylc ymbsittendra
ofer hronrade hyran scolde,
gomban gylðan; þæt wæs god cyning!

(*Beowulf*, vv. 1-11)

[“Escutem! Nós ouvimos falar do poder dos Daneses de Lanças dos tempos de outrora, dos feitos corajosos dos reis de seu povo e de seus destemidos guerreiros. Frequentemente **Scyld Scefing** tomou de assalto os saguões de muitos clãs inimigos. Aterrorizou guerreiros, mesmo às vezes sofrendo infortúnios. Porém, a recompensa dos céus veio ao seu encontro. Obteve grande honra e glória e sua fama cresceu para além do mar, onde os povos vizinhos passaram a obedecer-lhe a palavra e pagar-lhe tributos. Foi um bom rei!”]

Note-se que o poeta insiste que ele está começando a partir de um fundo de cena da intrepidez bélica dos antigos reis daneses de que sua parte irá compartilhar: no inglês antigo, as palavras “Nós” e “ouvimos falar” (*We... gefrunon*) estão separadas, habilmente enfatizando o que todos nós deveríamos saber (“o poder dos Daneses de Lanças dos tempos de outrora”). O poeta passa repentinamente a mencionar o ancestral lendário da linhagem real dos Daneses, Scyld Scefing, o menino-rei misteriosamente enviado por Deus para auxiliar os Daneses numa época de muita conturbação; seus descendentes, os Scyldings, de fato, governam a Dinamarca até o período anglo-saxônico (450 and 1066). A partir desse fundo de cena familiar, o poeta suavemente conduz sua platéia a um território muito menos familiar, lentamente apresentado Grendel e Beowulf, persoagens não

atestadas nas tradições germânicas, e entrelaça sua história dos Daneses pagãos (alguns dos quais ainda eram pagãos na época em que o manuscrito de *Beowulf* foi redigido) com referência nítida a narrativas cristãs encerradas na Bíblia.

4.2. Referências bíblicas no poema

Em *Beowulf* há somente duas referências diretas a fatos da Bíblia. A primeira alusão bíblica no poema é sobre Caim, personagem do Antigo Testamento, filho primogênito de Adão e Eva, que cometeu o primeiro assassinato por inveja. Grendel é descrito com descendente de Caim. No mundo judaico-cristão, ele representa o primeiro ato maligno cometido por um homem contra outro homem. Aqui a alusão se faz pela história do monstro Grendel, quando o bardo da corte fala da Criação do mundo:

Sægde se þe cuþe
frumsceaft fira feorran reccan,
cwæð þæt se ælmihtiga eorðan worhte,
wlitebeorhtne wang, swa wæter bebugeð,
gesette sigehreþig sunnan ond monan
leoman to leohte landbuendum
ond gefrætwaðe foldan sceatas
leomum ond leafum, lif eac gesceop
cynna gehwylcum þara ðe cwide hwyrfaþ. (vv. 90-98)

[Claro canto do menestrel habilidoso, contando com maestria, como Deus-Onipotente havia criado a terra, uma planície lampejante cingida por águas; e como, em Seu esplendor, Ele fez nascer o sol e a lua, luzes que iluminamos habitantes da terra, e preencheu o espaço vazio com ramos e folhas; e como proveu de vida todos os seres vivos que pelo mundo se movem.]

E mais adiante:

in Caines cynne þone cwealm gewræc
éce drihten þæs þe hé Ábel slóg. (vv. 107-108)

[Da raça de Caim a quem o Criador havia banido e do mundo exilado pelo morte de Abel].

Nesta passagem, Grendel se ressentido da agradável beleza de Heorot e de seus ocupantes. A canção o enfurece porque fala da beleza e da luz da criação divina, que ele jamais conseguirá resgatar para si. Grendel é descrito como descendente de Caim porque também havia cometido o assassinato (Gênesis 4:11-2).

A outra é uma fugaz alusão ao Dilúvio de Noé, quando Hrothgar está contemplando o punho da espada gigante e misteriosa, que foi devidamente gravado com inscrições rúnicas em puro ouro dos homens da época do Dilúvio, porquanto pertencia a Grendel, descendente de Caim.

Hróðgár maðelode· hylt scéawode
ealde lafe· on ðaém wæs ór writen
fyrngewinnes syðþan flód ofslóh
gifen géotende gíganta cyn— (vv. 1687-1690)

[Hrothgar falou; olhou austero o punho da espada das gerações onde estava gravada a origem da antiga discórdia e como o dilúvio exterminara uma raça de gigantes com as enormes ondas do mar.]

Ambas as passagens encontram-se em Gênesis 4:17-24 e 7:1-24, respectivamente. Note-se, nesse trecho, que Hrothgar replica o relato das proezas de Beowulf com um longo e moralizante discurso sobre os temas do orgulho, da mutabilidade da existência humana, e da moralidade. Não há, entretanto, uma única referência a Jesus Cristo, nem mesmo a Moisés ou ao Rei Davi, e as referências a Deus parecem estar baseadas no Velho Testamento e não no Novo. Do mesmo modo, não há citações ou referências a anjos, santos, relíquias, à cruz (o principal símbolo do Cristianismo), à adoração divina, às observâncias da Igreja, ou pontos particulares do dogma cristão. Mas o Rei Hrothgar e Beowulf, às vezes, fazem menção a um Deus único, todo-poderoso e há exemplos de renascimento simbólico no poema, como o surgimento de Beowulf do lago após ter derrotado a mãe de Grendel (vv. 1612-31). A luta com o dragão, mais adiante no poema, especialmente parece ter uma riqueza de linguagem tipicamente cristã. Contando com o ladrão, Beowulf é acompanhado por doze guerreiros, a maioria dos quais o abandona (o que nos faz lembrar dos Apóstolos de Cristo). A correspondência numérica é exata. Beowulf é conduzido até seu conflito por um seguidor traiçoeiro do mesmo modo como Cristo foi traído e entregue aos seus executores por seu discípulo Judas (Marcos 3:19; Mateus 10:4; Lucas 6:16). O poeta observa que há treze pessoas no grupo que vão ao encontro do dragão, o que encontra paralelo com Cristo e seus doze apóstolos (Lucas 6:13). Quando o dragão ataca, dez dos seguidores de Beowulf fogem em pânico, deixando somente Wiglaf, seguidor fiel, que permanece junto a seu senhor até o fim, sem contudo, poder salvar-lhe a vida (McNAMEE, 1960, p. 99). O poeta de Beowulf incorpora alusões ao Antigo Testamento para ensinar os pagãos anglo-saxônicos a respeito da nova religião.

Blackburn (1963: 1-21) classifica os seguintes elementos cristãos em *Beowulf*:

1. Passagens contendo histórias essencialmente bíblicas com referências a Caim, Abel e ao Dilúvio.
2. Passagens contendo expressões de censura a ideias ou adorações pagãs como a que ocorre no episódio da apresentação da linhagem dos reis daneses, no início do poema.
3. Passagens contendo referências a doutrinas claramente cristãs como o Céu, o Inferno e Dia do Juízo.
4. Alusões incidentais ao Deus dos Cristãos.

Examinando esses elementos cuidadosamente, Blackburn especula como se pode facilmente reconfigurar tais passagens substituindo uma ou outra palavra ou omitindo expressões; daí percebendo como os copistas podem ter procedido no passado. Revertendo o processo cristianizador, ele conclui em algum ponto que *Beowulf* pode ter sido um texto totalmente pagão.

A maioria dos críticos por quem nos orientamos, porém, prefere examinar como os elementos cristãos se encaixam e formam uma parte integral do poema.

5. Considerações finais

Embora *Beowulf* se ocupe de histórias e heróis dos antigos povos germânicos, retroagindo claramente a uma época antes da conversão dos Anglo-Saxões ao Cristianismo, consumada por volta do século VII sob a influência dos já convertidos Jutos de Kent (condado situado no sudeste da Inglaterra, próximo de Londres), em seu estilo por toda parte seu narrador e personagens parecem inteiramente confortáveis com as fraseologias convencionais cristãs encontradas aqui e ali na poesia anglo-saxônica, fraseologias condencendo em todas as épocas com uma ordem reconhecidamente Cristã. Há referências à criação do Universo por Deus, a história de Caim, o Dilúvio de Noé, demônios e o inferno, bem como ao Juízo Final. Apesar de sua conversão ao Cristianismo, mentalmente os

Anglo-Saxões ainda habitavam a Terra-média³³ de seus antepassados, povoada por *ents*³⁴, duendes, anões e *orcs*.³⁵

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSSON, Theodore M. Sources and Analogues. In: BJORK, Robert E. and NILES, John D. *A Beowulf handbook*. (Eds.). Lincoln, Nebraska: University of Nebraska Press, 1998. p. 125-48

ARENT, Margaret. The Heroic Pattern: Old Germanic Helmets, Beowulf, and Grettis saga. In: PALOME, E. C. (Ed.). *Old Norse Literature and Mythology*. Austin: University of Texas Press: Ithaca, N.Y., 1993. p. 130-99

BALDWIN, Stanley P.; SKILL, Elaine Strong. *Beowulf (Cliffs Notes)*. New York: Hungry Minds, 2000.

BEDA. *Historia ecclesiastica gentis Anglorum (Ecclesiastical history of the English people)*. Translated by Leo Sherley-Price, revised R. E. Latham, ed. D. H. Farmer. London: Penguin, 1991.

BEREND, Nora (Ed.). *Christianization and the rise of Christian monarchy: Scandinavia, Central Europe and Russia C. 900-1200*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém: antigo e novo testamento*. Coordenadores Gilberto da Silva Gorgulho, Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. São Paulo: Paulinas, 1981.

³³**Terra-média**(do inglês *Middle Earth*, transliterada como *Midgard*): referência a uma terra imaginária onde ocorrem as principais narrativas de ficção de J. R. R. Tolkien, principalmente em *O Senhor dos Anéis*. A expressão é oriunda do antigo norueguês *Miðgarðr* (literalmente: “recinto central”) e possui cognatos na maioria das línguas germânicas (cf. o inglês saxônico e possui cognatos na maioria das línguas germânicas (cf. o inglês saxônico *mid-dan_earde*; o inglês médio *middellærd*, *midden-erde*, ou *middel-erde*; o alemão moderno *Mittelerde*).

³⁴**Ents**(do anglo-saxônico *enta* “seres gigantes”): Em *Beowulf*, esses seres aparecem nos versos 1679, 2717 e 2774. Junto com os magos, cavaleiros, princesas e dragões, os *ents* constituem um dos pilares da fantasia e da mitologia anglo-saxônicas.

³⁵**Orcs** (Termo vindo do latim *Orcus*, um dos títulos de Plutão, o senhor do mundo dos mortos), aparece nas línguas germânicas e nos contos de fantasia medieval como uma criatura deformada e forte, que combate contra as forças “do bem”. São muito popularizados nas obras de Tolki. R. R. Tolkien.

BJORK, Robert E.; NILES, John D. (eds). *A Beowulf handbook*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997.

BLACKBURN, F.A. (1897). In: NICHOLSON, Lewis E. (Ed.) *An anthology Beowulf*. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 1963. p. 1-21

CARLSEN, G. Robert; CARLSEN, Ruth Christoffer (Eds). *English literature: a chronological approach*. New York: Webster-MacGraw-Hill, 1985.

CHAMBERS, R.W. *Beowulf: an introduction to the study of the poem with a discussion of the stories of Offa and Finn*. Third edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1959.

CLARK-HALL, J. R. *A Concise Anglo-Saxon dictionary* (MART: The Medieval Academy Reprints for Teaching) Reprinted of the fourth edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

CLEMOES, Peter (Ed). *Anglo-Saxon England* (Volume 8). Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

_____; HUGHES, K. (Eds). *England before the Conquest: studies in primary sources presented to Dorothy Whitelock*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

DAVIDSON, Hilda Ellis. *The sword in Anglo-Saxon England: its archaeology and literature*. Woodbridge, Suffolk: The Boydell Press, 1962.

FRY, D. K. (Ed.). *The Beowulf poet: a collection of critical essays*. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1968.

GARMONSWAY, George Norman; SIMPSON, J. (Trans.); ELLIS DAVIDSON, H. R. *Beowulf and its analogues*. London: Dent, 1968.

GELLING, Margaret. "The landscape of *Beowulf*". In: LAPIDGE, Michael; GODDEN, Malcolm; KEYNES, Simon (Eds). *Anglo-Saxon England*, 31. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 7-11

GODDEN, Malcolm; LAPIDGE (Eds.). *The Cambridge Companion to Old English Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

GRAHAM-CAMPBELL, James. *The Viking world*. New Haven: Ticknor & Fields, 1980.

GRIGSBY, John. *Beowulf & Grendel: the truth behind England's oldest legend*. London: Watkins Publishing, 2005.

HAYWOOD, John. *The Penguin historical atlas of the Vikings*. London: The Penguin Group, 1995.

HEANEY, Seamus (Trans.). *Beowulf: a new verse translation* (Bilingual Edition). New York: W.W. Northon, 2000.

JACK, G. (Ed.). *Beowulf: a student edition*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

KLAEBER, Friedrich. *Klaeber's Beowulf and the fight at Finnsburgh*. Edited by R. D. Fulk, Robert E. Bjork, John D. Niles with a foreword by Helene Damico. Fourth edition. Toronto: University of Toronto, 2008.

KIERNAN, Kevin S. *Beowulf and the Beowulf manuscript*. Revised edition. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1996.

LANGER, Johni. O mito do dragão na Escandinávia (parte três: as *sagas* e o sistema Nibelingiano). *Brathair* 7(2), 2007, p. 106-141. Disponível em: <http://brathair.com/revista/numeros/07.02.2007/8.pdf>. Acesso em: 15 outubro, 2014.

LINDOW, John. *Norse mythology: a guide to gods, heroes, rituals, and beliefs*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

McFADDENB, Brian. Authority and Discourse in the *Liber Monstrorum*. In: *Neophilologus*. Volume 89, Number 3, 473-493 (21). Dordrecht: Springer, 2005.

McNAMEE, M. B. Beowulf – an allegory of salvation? In: R. D. Fulk (Ed.). *Interpretations of Beowulf: a critical anthology*. Indiana: Indiana University Press, 1991. p. 88-102

MELLINKOFF, Ruth. Cain's monstrous progeny in *Beowulf*. In: Peter Clemoes (Ed.). *Anglo-Saxon England*. (vol. 8). Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

MICHEL, Lapidge. Beowulf, Aldhelm, the liber monstrorum and Wessex, *Studi medievali*, 3rd ser., 23, 1982. p. 151-91

MITCHELL, Bruce. *An invitation to Old English and Anglo-Saxon England*. Oxford: Blackwell, 1995.

MITCHELL, Bruce; ROBINSON, Fred C. *Beowulf: an edition with relevante shorter texts*. Oxford: Blackwell Publishin, 1998.

- NEIDORF, Leonard. *Beowulf before Beowulf: Anglo-Saxon Anthroponymy and Heroic Legend*. In: *Review of English Studies* 64, 2013. p. 553-73.
- NEWTON, Sam. *The origins of Beowulf and the pre-Viking kingdom of East Anglia*. Cambridge: D.S. Brewer, 1993.
- NORTH, Richard. *The origin of Beowulf: from Virgil to Wiglaf*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- OAKESHOTT, R. Ewart. *The Archaeology of Weapons: Arms and Armour from Prehistory to the Age of Chivalry*. London: Lutterworth Press, 1960.
- OGILVY, J. D. A.; BAKER, Donald C. *Reading Beowulf*. Norman, OK: University of Oklahoma Press, 1983.
- ONIONS, C. T. *The Oxford dictionary of English etymology*. Oxford: Oxford University Press, 1966.
- ORCHARD, Andy. *Pride and prodigies: studies in the monsters of the Beowulf manuscript*. Cambridge: D. S. Brewer, 1995.
- _____. *A critical companion to Beowulf*. Cambridge: D. S. Brewer, 2003.
- OWEN-CROCKER, Gale R. *The four funerals in Beowulf: and the structure of the poem*. Manchester: Manchester University Press, 2000.
- POOLEY, Robert C. (Ed.). *England in literature*. Glenview, Illinois: Scott, Foresman and Company, 1968.
- SHIPPEY, T.A.; HAARDER, Andreas (Eds.). *Beowulf: the critical heritage*. London: Routledge, 1998.
- STAVER, Ruth Johnston. *A companion to Beowulf*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 2005.
- STRONG, Roy. *The story of Britain: a people's history*. London: Hutchinson, 1996.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino-português*. 3. ed. Porto: Edições Marânus, 1945.
- WARSH, Lewis. *Beowulf (Barron's Book Notes) - Study Notes*. Woodbury, New York/ London/Toronto/Sydney: Barron's Educational Series, 1984.

TOLKIEN, J.R. *The Monsters and the Critics*. London: George Allen & Unwin, 1936.

THOMPSON, Stephen P. (Ed.). *Readings on Beowulf*. San Diego, CA: Georgetown Press, 1998.

WELSH, Martin. *Anglo-Saxon England*. London: Batsford, 1992.

ZOEGA, Geir T. *A concise dictionary of Old Icelandic* (MART: The Medieval Academy Reprints for Teaching). Toronto: University of Toronto Press, Scholarly Publishing Division, 2004.